

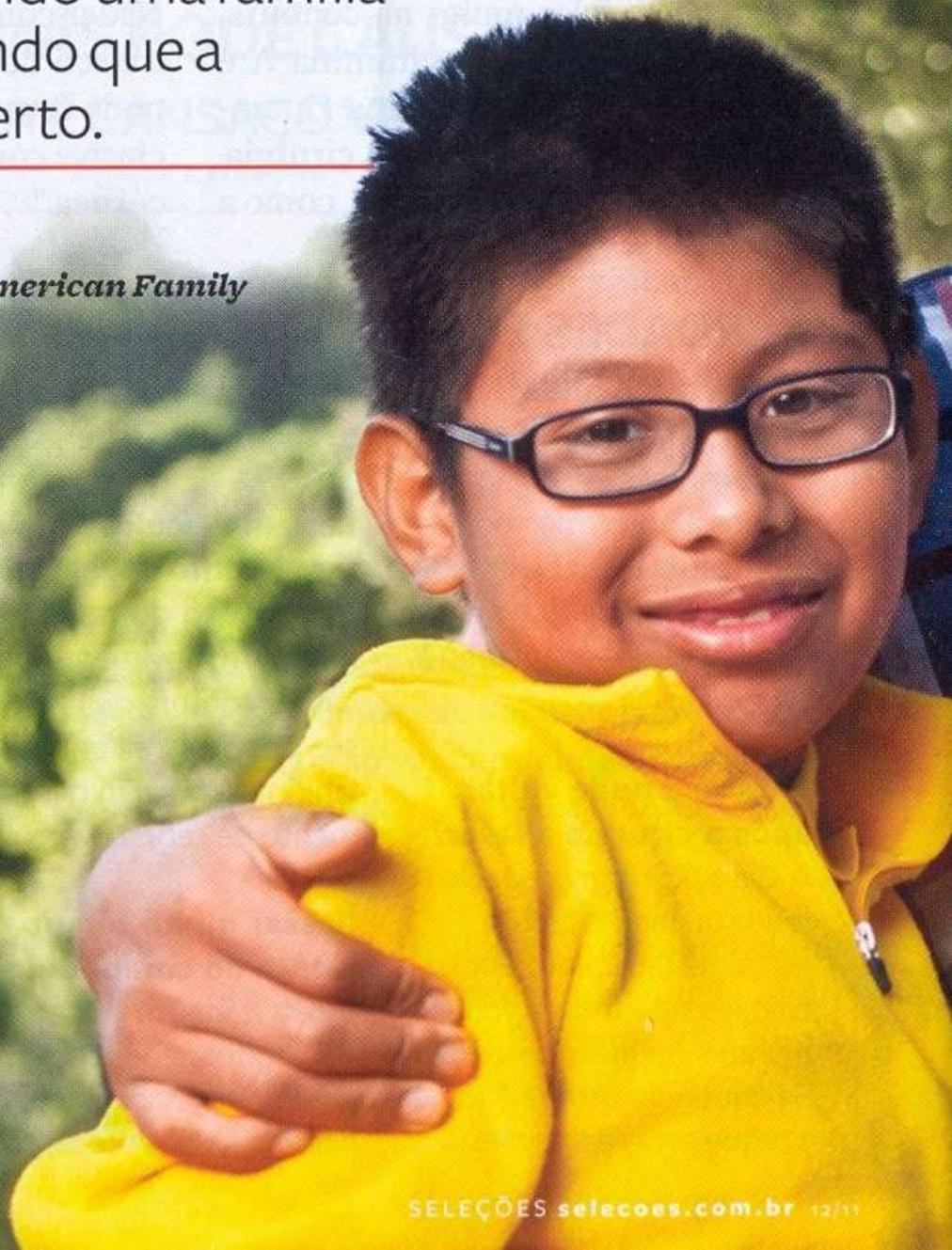
# Nasce uma família

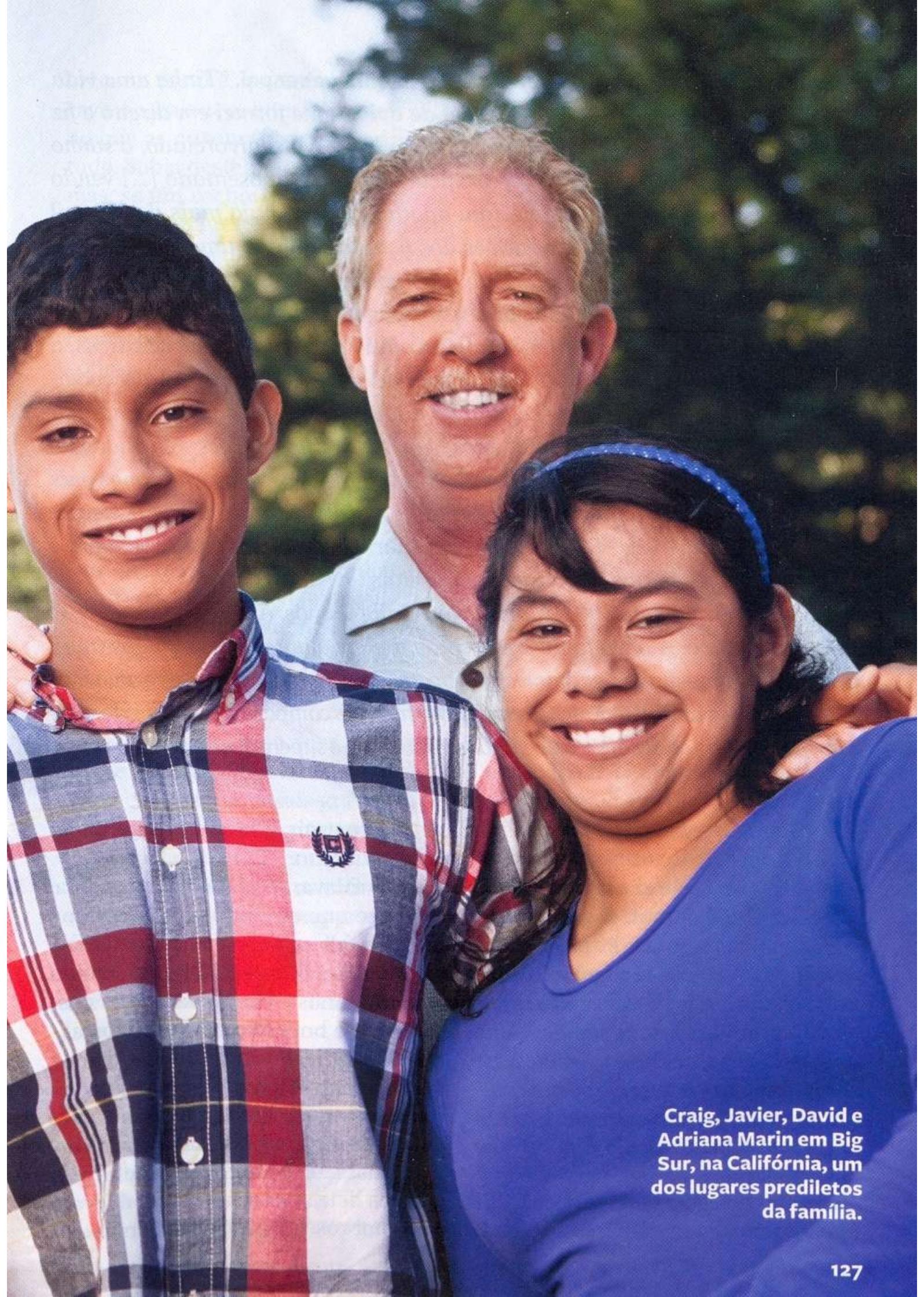
O que um homem solteiro está fazendo com três crianças mexicanas? Formando uma família amorosa e mostrando que a adoção pode dar certo.

**POR DAVID MARIN**

● DE *This Is Us: The New All-American Family*

FOTOGRAFADO POR LORI STOLL





**Craig, Javier, David e Adriana Marin em Big Sur, na Califórnia, um dos lugares prediletos da família.**

**David Marin tinha quarenta e poucos anos e sonhava ser pai.** “Tinha uma vida interessante; viajei para 11 países, pulei de aviões, me formei em direito e fiz três holes in one no golfe.”, escreve no novo livro. Mas, divorciado, o sonho lhe fugia. “À noite, imaginava o pior: ficar sozinho e aposentado [...] vendo as famílias passarem.” Marin decidiu adotar. Embora haja mais de 500 mil crianças no sistema de lares adotivos dos Estados Unidos, um quarto disponível para adoção formal, o processo para conseguir a aprovação foi árduo. Marin, vice-presidente de publicidade e propaganda da Pulitzer Newspapers, em Santa Maria, Califórnia, enfrentou incontáveis negativas burocráticas, o veto de dois condados, três rodadas de impressões digitais e atrasos decepcionantes (a aula obrigatória de segurança doméstica, por exemplo, foi adiada duas vezes). Em setembro de 2003, após 14 meses de informações sobre adoção, o Serviço Social o chamou para falar de três irmãos (da mesma mãe, mas pais diferentes – todos criminosos). Em dezembro, Marin conheceu as crianças e passou por um mês de “Treinamento Familiar” – visitas em fins de semana e à noite, acompanhadas por assistentes sociais.

Em 27 de fevereiro de 2004, Marin levou Craig, 2 anos, Adriana, 4, e Javier, 6, de vez para casa. A nova família enfrentou muitos olhares desconfiados (num restaurante, uma mulher chamou a polícia, temendo que Marin fizesse algo inadequado). Mas as dificuldades foram insignificantes comparadas às alegrias, diz Marin. Ele fala dos desafios enfrentados com Craig e superados com as crianças.

**A** vida de Craig era um desenho animado. Ele era a presa, como Jerry a fugir de Tom, ou o Papa-Léguas caçado pelo Coiote. Mas, com 2 anos, Craig não era esperto como Jerry nem rápido como o Papa-Léguas, então, é provável que só choramingasse quando os predadores, a mãe e os namorados dela, caíam sobre ele. Quando peguei Craig no colo pela primeira vez para sentir o cheirinho do seu cabelo de bebê – os meus halteres pesavam mais –, ele só

fez se contrair, esperando a queda ou o lançamento.

Não falava; só apontava e grunhia. Sempre que eu dizia aos outros que ele não falava, me perguntavam a sua idade. Quando explicava que tinha quase 2 anos e meio, davam as costas. Não é bom isso de dar as costas.

Ele vestia as roupas de trás para a frente e tinha dificuldade de nos acompanhar nos passeios até a beira do Rio Santa Maria, por isso ia no carrinho. Se andássemos muito tempo e as perninhas dele se cansassem, eu o levava nos ombros. Ele gostava de altura e da

brisa no rosto e, quando eu o empurrava no balanço, queria ir mais alto do que as nuvens, para longe daquilo tudo. Subia destemido no trepa-trepa, mas, se um cachorro se aproximasse, corria para mim até ver que o cachorro estava atrás de um esquilo, não dele.

Nada era menor do que Craig. Vivia olhando em volta, havia perigo por toda parte e gaviões lá em cima. Não conseguia comunicar os fatos de sua vida e eu não tinha registros nem arquivos a seu respeito; o Serviço Social nem sabia seu nome, sempre o chamavam de Chris. Ele simplesmente veio junto com Javier e Adriana.

A fragilidade dele me preocupava. Durante o Treinamento Familiar, uma assistente social me telefonou.

- Olá, David. Alguém lhe disse que você tem de acordar Chris toda noite?

- Não. O nome dele é Craig.

- Craig? Tudo bem, é preciso acordá-lo de duas em duas horas para ver se o nariz dele está sangrando. Ele tem hemorragias nasais graves.

Eu estava disposto, mas malpreparado. Certa manhã, encontrei Craig numa poça de sangue na cama. Levei-o ao médico, que disse que as unhas dele estavam compridas demais e que talvez tivesse cutucado o nariz. Fiquei envergonhado. Era minha responsabilidade notar isso.

Um dia depois de eu levar as crianças para casa definitivamente, Craig teve febre. Não sabia o que fazer, nem Joy, minha irmã sem filhos. Por isso, liguei para o meu novo chefe.

- Ele está muito quente.

- Como sabe?

- Estou com a mão na testa dele.

- Tem um termômetro aí?

- Não.

- Compre um digital. E Pedialyte também.

- Pedialyte?

- É um remédio para evitar a desidratação. Depois, leve-o ao médico.

Levei Craig ao pronto-socorro. Ele estava tão fraco que sua cabeça balançava como a de um boneco. A enfermeira da recepção perguntou:

- O que o senhor passou para ele?

- Como assim? - Eu não estava doente. Se ele tinha pegado alguma coisa, não fora de mim.

- Remédio, que remédios o senhor lhe deu? - Outras enfermeiras se aproximaram.

- Nenhum. Não tenho remédio.

- O senhor precisa ter remédios pediátricos - anunciou ela por um megafone ThunderPower de 45 watts. O círculo se fechou. Vamos ligar para o Serviço Social? Quem é esse idiota?

- Ele veio morar comigo ontem. Não sabia que ia ficar doente.

Levei Craig ao médico muitas vezes nos meses seguintes. Vivia com febre. Quando caía doente, dormia comigo para que eu pudesse ter certeza de que ele ainda estava vivo. Seu corpo era minúsculo e fraquíssimo. Fiquei com medo de que, ao pôr o braço em cima dele, pudesse impedi-lo de respirar, então levei seu berço para o meu quarto. Esperaríamos que ficasse mais robusto para dormir sozinho.

Enquanto isso, os colegas de trabalho me falavam dos seus filhos de 2 anos que calculavam a raiz quadrada

de 169 e projetavam estações de transmissão para a empresa de energia elétrica. Digamos que Craig estava meio atrasado. Decidi lhe ensinar letras e números. Isso não devia ser difícil. Desenhei um 2.

– Desenhe isso.

Ele desenhou um risco torto.

Ah, não. Desenhei um C, primeira letra do seu nome.

Desenhou dois riscos tortos. O cérebro dele estava disperso. Prejudicado. Ele se comunicava em código Morse como um marinheiro do Lu-

mim. Aprendeu que, quando tivesse sede, eu lhe daria água e, quando se machucasse, eu o pegaria no colo.

No meu colo, ele me fitava. No que estaria pensando? “Quem é esse branco?” Então, jogava os braços em torno do meu pescoço, me dava um abraço ou um beijo, ou tentava lamber o meu rosto, como um cachorrinho.

E aí, um avanço. No supermercado – as três crianças no carrinho, para eu não perder nenhuma –, Craig fez um barulho e apontou algo que queria. Eu disse: “Agora, não.”

---

## Boa notícia! Certo dia no supermercado, Craig disse as primeiras palavras. Má notícia! Eram palavrões.

---

*sitania*, sem saber dos torpedos que a sociedade disparava em crianças como ele. Temi pelo seu futuro. Será que eu deveria trabalhar mais para subir no mundo empresarial, ganhar mais dinheiro e deixar a Craig um auxílio vitalício?

Fui informado pelo Serviço Social de que não precisava ficar com Craig. Disseram que, se três crianças fossem demais, poderiam achar outro lugar para ele, mas nunca pensei em devolvê-lo. Não conseguia imaginar ele a nos observar pela janela de uma caminhonete branca do condado, as bochechas gorduchas tremendo de medo ao ser levado para outro pesadelo. Ele era e continuaria a ser um de nós.

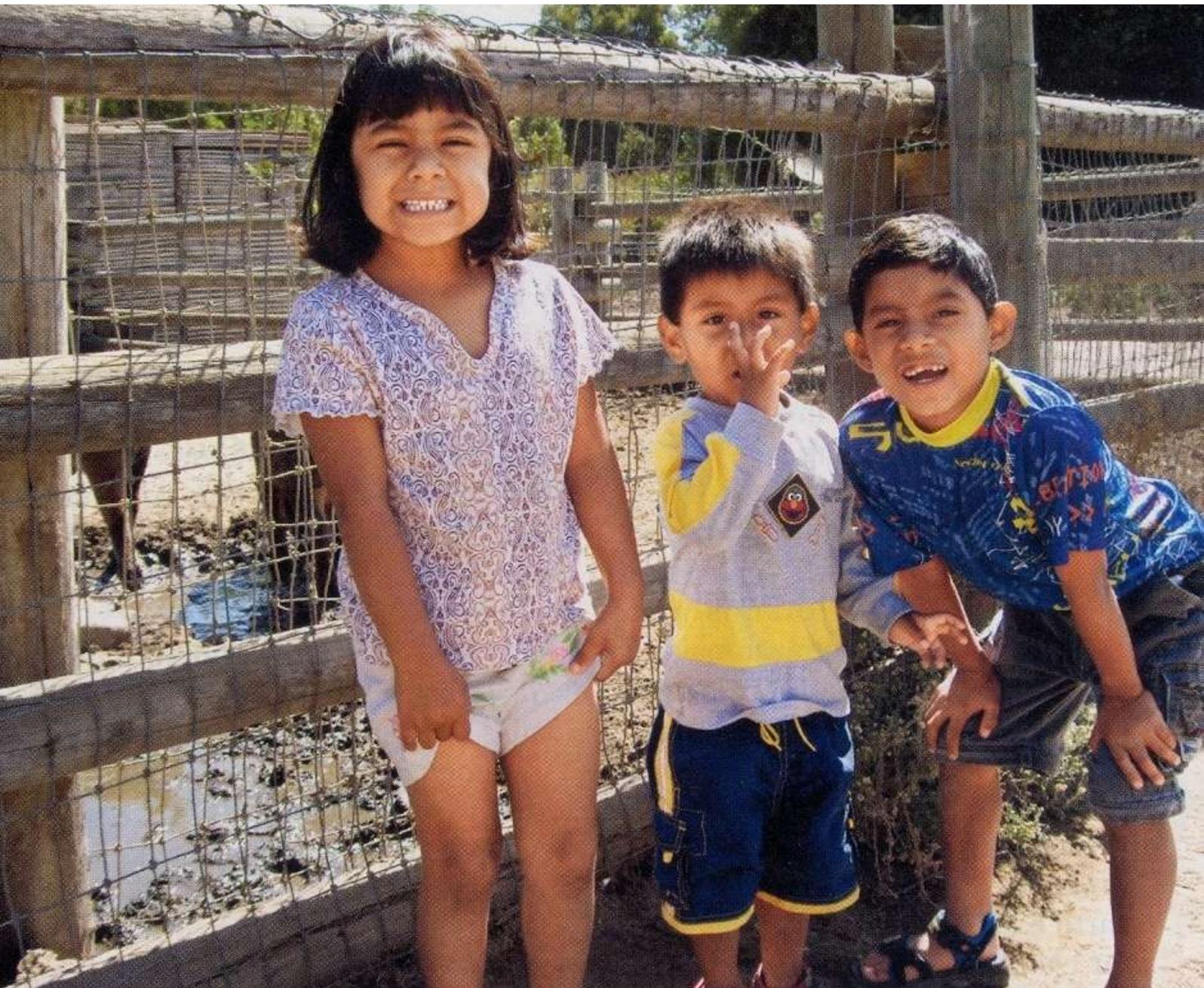
Com o tempo, passou a confiar em

Boa notícia! Ele disse as duas primeiras palavras!

Má notícia! Eram palavrões. Foi como se alguém me desse um soco no queixo. Respondi “de nada”, como se ele tivesse me agradecido, e continuei empurrando o carrinho. Deu certo. Aqueles foram os últimos palavrões. Algumas semanas depois, na Disneylândia, olhando um laguinho, Craig apontou a água e disse: “Dois patos.”

Ele estava melhorando.

Não falara antes porque fora surrado para calar a boca ou treinado pelos irmãos para ficar em silêncio e não chamar a atenção. Na verdade, conhecia muitas palavras. Semanas depois, já falava mais e, certa vez, demais. Quando lhe neguei uma guloseima antes do



jantar, ele saiu chorando, procurou Adriana e Javier e disse: “Papai me bateu.” Uma assistente social me contara que filhos adotivos tinham esse tipo de esperteza, mas não disse que crianças tão pequenas já tentariam. Fui atrás dele e nós quatro conversamos sobre o que ele tinha dito. Eu sabia que “estão me batendo” era a melhor maneira de filhos adotivos conseguirem público e, por isso, mentiam assim. Disse a Craig e aos irmãos que mentir era errado, principalmente esse tipo de mentira, e isso nunca mais aconteceu.

Sabia que a saída de Craig da concha tinha algo a ver comigo, uma casa segura, e com o fato de os irmãos não terem de escondê-lo no armário. Mas

**Adriana, Craig e Javier em 2004, ano em que foram morar definitivamente com David. Os irmãos tinham passado quase metade da vida em lares adotivos separados.**

o personagem que inspirou o rejeitado a se transformar em menino foi um ogro verde, que mora no pântano, virou astro do cinema e se chama Shrek. Ele virou o herói de Craig. A solidão de Shrek, sua atitude de “me deixe em paz” e a tendência a se defender eram imagens fortes. A parte favorita de Craig era quando Shrek dava grandes saltos, a barriga batendo nos cavaleiros, na polícia, nos ladrões, vencendo-os. Craig nos pediu que o chamássemos de Shrek – e por que

não? Quando solicitei cartões de filiação a um aquário, o rapaz ao telefone achou o nome esquisito.

- Shrek?

- É assim que o chamamos.

- Ah, o senhor tem razão, o que tem de mais?

Até hoje, Shrek Marin é o nome escrito no cartão de Craig.

**N**os meus recessos mentais, brincando com planos para economizar mais, me perguntava como ensinar Craig a usar o banheiro. Consultei o Google, a minha esposa e mãe digital, e achei vídeos e livros. Há cronogramas e há teorias. Em vez disso, chamei Craig até o meu quarto e lhe perguntei se gostaria de usar *chonies*, gíria infantil espanhola que significa cueca. Ele ficou empolgado.

- Vou usar *chonies*! Vou usar *chonies*!

Saiu correndo para contar aos irmãos. Nunca me ocorrera tentar. Ele foi ótimo, com poucas exceções, como a poça entre os pés que uma senhora no barbeiro notou quando ele estava prestes a subir na cadeira.

Eu costumava chegar cedo para buscá-lo na pré-escola e o observava brincando no pátio com as outras crianças, tentando imaginar se viraria republicano - "Esse brinquedo é meu!" - ou democrata - "Pronto, Billy, pode ficar com o brinquedo de Tom." Craig adorava cantar. Na ida para a escola, nos revezávamos escolhendo músicas. A favorita de Adriana era "She'll Be

Coming Around the Mountain" (Ela virá do outro lado da montanha). No fim, ela acrescentava: "Vamos comer *nuggets* de frango quando ela chegar." A preferida de Javier era "This Land Is Your Land". Craig tinha duas favoritas. A primeira era "Brilha, brilha, estrelinha". A outra, que aprendeu na escola ou inventou - como saber? -, se chamava "A música da gratidão". Cantávamos antes do jantar. "Somos gratos, somos gratos, pela comida, pela comida..."

Depois de conviver mais tempo com Craig, descobri que suas dificuldades intelectuais eram temporárias. Aprendeu a cantar, contar e escrever o nome. Como todos os pais recentes, imaginei que, se lhe apresentasse músicas, ele seria um prodígio e faríamos recitais para um grupo seleta, mas nada muito explorador, é claro, porque ele era apenas uma criança. Comecei a ensinar música a Craig no Land Rover, depois da pré-escola, enquanto íamos buscar Adriana e Javier no programa de atividades extraescolares da Associação Cristã de Moços. Começamos com os Rolling Stones: "Sympathy for the Devil". Para mostrar o compasso, movi o braço direito para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita. Foi uma aula compacta sobre um tópico importante. Pelo caminho, parabeneizei-me. Era isso que me destacava dos outros homens por aí que adotavam três irmãos. Quantos pais ensinavam música no caminho para a ACM? A canção seguinte, "She's a Rainbow", era um concerto para piano. A minha

mão se movia como uma batuta. Craig ficou hipnotizado. Terminamos com “Wild Horses”:

*A vida na infância é bem fácil.*

*Tudo o que você queria*

*Comprei pra você.*

- Papai - disse ele. Será que queria um piano? Eu lhe compraria um pequeno, com banqueta em forma de cogumelo. Talvez quisesse um violino. - Papai - disse ele de novo.

- Diga, querido.

- Tarzan mora na selva?

Inspirei fundo e me alertei para não divulgar minhas estratégias de criar

sangue, uma hemorragia de assustar, um buraco de quase 2 cm acima da orelha esquerda. Apaguei o fogo, enrolei a cabeça de Craig numa toalha e mandei que as outras crianças entrassem no carro. Corri para o pronto-socorro dirigindo com uma das mãos e usando a outra para apertar de leve a toalha na cabeça de Craig.

- Sentem-se - disse a recepcionista no pronto-socorro. - Vai demorar duas horas.

- Pode me emprestar a lista telefônica?

Liguei para a pizzaria Domino's e

---

## Quando estava com 5 anos, Craig me disse **que queria ser um astronauta** solteiro e adotar filhos.

---

filhos em revistas importantes sem a revisão de outros pais ou, pelo menos, sem provas de que os meus filhos estivessem escutando.

- Mora, sim - respondi. - Ele mora na selva. Mora com os gorilas. É filho adotivo.

**Por ser o caçula, a principal tarefa** de Craig era desligar a TV na hora do jantar. Certa noite, ele correu a toda até o aparelho e tropeçou numa espada inflável de 60 cm que ganhara na lanchonete Burger King. Ouvi um barulhão quando sua cabeça se chocou contra a madeira do baú (real) de pirata da sala de estar, e ele começou a chorar, segurando a cabeça. Jorrou

pedi uma pizza de salaminho com abacaxi. “Precisamos de muitos guardanapos.”

- É igualzinho a um restaurante - comentou Javier.

O médico veio com uma agulha grande. Segurei Craig com força enquanto o médico lhe dava uma injeção na cabeça para anestesiá-lo. Depois, o médico pegou um grampeador bem parecido com o das papelarias e pôs quatro grampos de um centímetro e meio na cabeça dele. Chegamos em casa cansados às dez e meia da noite.

Quando era uma da manhã, ouvi Craig chorando no quarto. O efeito do analgésico passara. Levei-o para a minha cama, mas ele não conseguiu



dormir porque gostava de deitar sobre o lado machucado da cabeça. Às duas da madrugada, ele disse: “Papai, estou com fome.” Antes do lanchinho, cansado, grampeado e com sangue seco na orelha, completou: “Quero cantar a música da gratidão.” Cantamos, comemos doce de maçã e voltamos para a cama.

A sombra humana, o menino sem ímpeto, tem agora motor próprio. Sem dúvida, Craig é o mais curioso dos três. Quer saber por que a Lua não cai e como as cordas seguram a ponte do Golden Gate. É ele que mais me faz querer uma esposa não digital. Além de me ver com namoradas, os meus filhos não fazem ideia do que é um relacionamento normal entre homem e mulher. Para Craig, sou mamãe e papai, e nisso não há nada errado. Quando estava com 5 anos, ele me

**As três crianças (divertindo-se com Marin junto aos irrigadores, durante o verão) são excelentes alunos. Javier ainda guarda uma lanterna debaixo da cama; não mais por medo, mas para ler.**

disse que queria ser um astronauta solteiro e adotar filhos.

Hoje, ele faz amizade facilmente. Adora a atenção obtida com boas notas e quer aprender mais. Além de um espirro de vez em quando, faz anos que não fica doente e nunca falta às aulas.

Aprendi com Craig a conhecê-lo e a me conhecer. Eu poderia ter sido muito melhor se soubesse mais sobre criar filhos. Vê-lo crescer me dá vontade de ter outro bebê, mas, por enquanto, só olho fotos. Fico espantado ao ver que conseguimos. Craig saiu da casca dele e virou menino. Eu saí da minha e virei pai. ■